UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
INSTITUTO DE SAÚDE E BIOTECNOLOGIA DO AMAZONAS - ISB
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

VANDA KAROLINE MARTINS DA SILVA

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA EM COARI-AMAZONAS:

UMA PERSPECTIVA HOLÍSTICA DO FENÔMENO

COARI - AMAZONAS
2025

VANDA KAROLINE MARTINS DA SILVA

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA EM COARI-AMAZONAS:

UMA PERSPECTIVA HOLÍSTICA DO FENÔMENO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção do título de bacharel em enfermagem.

Orientador: Prof(a). Dr(a). Maria Aparecida Silva Furtado

COARI - AMAZONAS

2025

VANDA KAROLINE MARTINS DA SILVA

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA EM COARI-AMAZONAS: UMA PERSPECTIVA HOLÍSTICA DO FENÔMENO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em enfermagem da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em enfermagem.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 03/07/2025

BANCA EXAMINADORA

Maria Aparecida Silva Furtado

Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida Silva Furtado - UFAM
Orientadora

Prof. Dr. Tiago de Jesus Souza - UFAM
Avaliador

Tânia Valéria de Oliveira Custódio

Prof. Dr.ª Tânia Valéria de Oliveira Custódio - UFAM
Avaliador

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA EM COARI-AMAZONAS: UMA PERSPECTIVA HOLÍSTICA DO FENÔMENO

Embarazo en la adolescencia en Coari-Amazonas: una perspectiva holística del fenómeno

Teenage Pregnancy in Coari-Amazonas: A Holistic Perspective of the Phenomenon

Vanda Karoline Martins da Silva[1]; Maria Aparecida Silva Furtado[2]

Resumo: Este artigo propõe analisar holisticamente o fenômeno multifatorial da gravidez na adolescência na cidade de Coari, Amazonas, a partir de uma reflexão crítica e sensível das experiências e dos discursos de jovens mães. Reconhecida como um fenômeno complexo e multifacetado, a gravidez na adolescência ainda impõe desafios significativos, com repercussões na trajetória educacional, social e emocional das adolescentes. A pesquisa, de abordagem qualitativa, transversal e exploratória, adota uma perspectiva holística e fundamenta-se na Análise do Discurso foucaultiana, permitindo compreender os efeitos de saber-poder que atravessam essas vivências. Foram realizadas entrevistas narrativas e semiestruturadas com adolescentes entre 14 e 19 anos. Os achados revelam que o impacto da descoberta da gestação provoca rupturas subjetivas e sociais, evidenciando não apenas a imaturidade para o exercício da maternidade, mas também a intersecção de vulnerabilidades — como precariedade socioeconômica, dinâmicas familiares fragilizadas e lacunas no acesso à informação sobre saúde sexual e reprodutiva. As repercussões desse processo ultrapassam o campo individual, reverberando no coletivo familiar e social, e intensificando ciclos de desigualdade. Compreender esse fenômeno sob uma ótica ampliada e humanizada torna-se fundamental para a construção de políticas públicas mais eficazes, que contemplem não apenas a prevenção, mas também o acolhimento e o fortalecimento das adolescentes e de suas redes de apoio.

Palavras-chave: Gravidez na Adolescência, Análise do Discurso, Saúde Pública, Foucault, Amazonas.

[1] Bacharelanda do curso de Enfermagem do Instituto de Saúde e Biotecnologia da Universidade Federal do Amazonas, Campus Coari. vandakarolin@gmail.com

[2] Docente universitária. Mestra e Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais. mariapfurtado@gmail.com

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

Resumen: Este artículo propone analizar de manera holística el fenómeno multifactorial del embarazo adolescente en la ciudad de Coari, Amazonas, a partir de una reflexión crítica y sensible sobre las experiencias y discursos de jóvenes madres. Reconocido como un fenómeno complejo y multifacético, el embarazo en la adolescencia aún impone desafíos significativos, con repercusiones en las trayectorias educativas, sociales y emocionales de las adolescentes. La investigación, de enfoque cualitativo, transversal y exploratorio, adopta una perspectiva holística y se fundamenta en el Análisis del Discurso foucaultiano, lo que permite comprender los efectos de saber-poder que atraviesan dichas vivencias. Se realizaron entrevistas narrativas y semiestructuradas con adolescentes de entre 14 y 19 años. Los hallazgos revelan que el descubrimiento del embarazo provoca rupturas subjetivas y sociales, evidenciando no solo la inmadurez para el ejercicio de la maternidad, sino también la intersección de vulnerabilidades —como la precariedad socioeconómica, dinámicas familiares frágiles y carencias en el acceso a información sobre salud sexual y reproductiva. Las repercusiones de este proceso trascienden el ámbito individual, repercutiendo en el colectivo familiar y social, e intensificando los ciclos de desigualdad. Comprender este fenómeno desde una mirada ampliada y humanizada se vuelve fundamental para la construcción de políticas públicas más eficaces, que contemplen no solo la prevención, sino también el acogimiento y el fortalecimiento de las adolescentes y sus redes de apoyo.

Palabras clave: Embarazo adolescente, análisis del discurso, salud pública, Foucault, Amazonas.

Abstract: This article aims to holistically analyze the multifactorial phenomenon of adolescent pregnancy in the city of Coari, Amazonas, through a critical and sensitive reflection on the experiences and discourses of young mothers. Recognized as a complex and multifaceted issue, adolescent pregnancy still poses significant challenges, with repercussions on the educational, social, and emotional trajectories of teenagers. This qualitative, cross-sectional, and exploratory research adopts a holistic perspective and is grounded in Foucauldian Discourse Analysis, enabling an understanding of the effects of power-knowledge that permeate these experiences. Narrative and semi-structured interviews were conducted with adolescents aged 14 to 19. The findings reveal that the discovery of pregnancy causes subjective and social ruptures, highlighting not only the immaturity for exercising motherhood but also the intersection of vulnerabilities—such as socioeconomic precariousness, fragile family dynamics, and gaps in access to information about sexual and reproductive health. The repercussions of this process go beyond the individual sphere, resonating within family and social collectives and intensifying cycles of inequality. Understanding this phenomenon from an expanded and humanized perspective is essential for the development of more effective public policies that address not only prevention but also the reception and empowerment of adolescent girls and their support networks.

Keywords: Teenage Pregnancy, Discourse Analysis, Public Health, Foucault, Amazonas.

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

Introdução

As implicações da gravidez na adolescência são vastas e vão além do impacto direto na saúde das jovens e dos recém-nascidos. Estudos recentes indicam que adolescentes grávidas frequentemente abandonam os estudos, enfrentam desafios para ingressar no mercado de trabalho e, muitas vezes, perpetuam ciclos de pobreza em suas famílias (Peixoto & Quaresma, 2024; Ribeiro et al., 2019).

Dados da Fundação de Vigilância em Saúde – Dra. Rosemary Costa Pinto (FVS-RCP, 2024) revelam que Coari, Amazonas, ocupa o segundo lugar em taxa de gravidez na adolescência na região do Rio Negro e Solimões, com 210 mães adolescentes, representando 25,1% dos nascidos vivos em 2024. Esses números evidenciam fragilidades nas políticas locais de saúde reprodutiva, refletindo a dificuldade em promover ações efetivas de prevenção e cuidado junto aos jovens.

Ao trazer o conceito de juventude para o debate sobre gravidez na adolescência, busca-se, neste trabalho, olhar para esse fenômeno de forma mais ampla e menos culpabilizadora. Isso significa reconhecer que essas jovens não são apenas indivíduos isolados, mas sujeitos atravessados por discursos, normas e relações de poder (Foucault, 1985), que moldam suas escolhas e experiências. Dessa forma, propor-se romper com visões que tratam a gravidez apenas como um problema, para entender os significados, valores e contextos que influenciam suas vivências e trajetórias.

Com isso em vista, a questão que norteou este processo investigatório é: Quais são os impactos biopsicossociais da gravidez na adolescência em Coari (AM), à luz das experiências de jovens mães e das vulnerabilidades interseccionais que atravessam esse fenômeno?

Este estudo tem como objetivos específicos: caracterizar o perfil sociodemográfico das adolescentes grávidas no município de Coari, interior do Amazonas, a fim de contextualizar socialmente a população investigada; analisar, por meio da Análise do Discurso de inspiração foucaultiana, as experiências subjetivas dessas jovens em relação à maternidade e os fatores críticos que atravessam suas vivências; e investigar as implicações da gravidez na adolescência nas trajetórias de vida dessas adolescentes, bem como os impactos gerados no âmbito familiar. Tais objetivos visam compreender, de forma ampliada, os efeitos de saber-poder que operam sobre os corpos, os discursos e os modos de subjetivação das adolescentes grávidas na região amazônica. Logo traça-se como

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

objetivo geral analisar holisticamente o fenômeno multifatorial da gravidez na adolescência na cidade de Coari, Amazonas.

Caracterização Metodológica

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo-exploratório e transversal, fundamentada na Análise de Discurso de ótica foucaultiana. A investigação combinou três estratégias metodológicas: pesquisa documental em prontuários do DATASUS, pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, configurando-se como um Estudo de Caso desenvolvido em Unidades Básicas de Saúde (UBS) do município de Coari, Amazonas.

A seleção da amostra seguiu critérios de estratificação por zonas urbanas, garantindo representatividade territorial. Foram sorteadas quatro UBS, uma por zona, e, em cada uma, selecionou-se uma adolescente entre 14 e 19 anos, cadastrada no sistema de prontuário eletrônico, gestante ou puérpera recente.

Excluíram-se jovens em acompanhamento psicológico, sem consentimento próprio ou de seus responsáveis, ou que não se sentiam confortáveis em participar. A delimitação da faixa etária respeitou parâmetros da OMS, considerando, contudo, restrições legais relativas à proteção de crianças menores de 14 anos.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas narrativas e semiestruturadas, realizadas nas residências das participantes, com duração média de 30 minutos, abordando temas como gravidez, maternidade, trajetória educacional, rede de apoio, desafios e expectativas. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas à luz dos princípios da Análise do Discurso. Todo o processo respeitou os preceitos éticos, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFAM (CAAE 80658924.5.0000.5020, parecer nº 7.118)

Abaixo no quadro 01, procura-se trazer mais clareza sobre a seleção desse corpus. As Unidades Básicas de Saúde (UBS) são de responsabilidade da Secretaria Municipal de Saúde (SEMSA) da Prefeitura Municipal de Coari (PMC). A descrição a seguir apresenta as UBS e seus respectivos bairros e Zonas, onde se encontram localizadas no município de Coari, Amazonas.

Quadro 01 - Relação de Unidades Básicas de Saúde do Município de Coari, Amazonas

Unidades Básicas de Saúde do Município de Coari		
UBS	ENDEREÇO	ZONA
Unidade Básica de Saúde Maria Fernandes Dantas	Rua Independência no Centro da cidade	NORTE
Unidade Básica de Saúde Henrique Octavio Pool	Rua Genival Guerra do bairro Duque de Caxias	LESTE

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

Unidade Básica de Saúde Dr Guerra	Rua Coari Grande do Bairro de Santa Efigênia	SUL
Unidade Básica de Saúde Dona Luzia Tenorio	Rua Areal Souto do Bairro de Santa Helena	LESTE
Unidade Básica de Saúde Leny Passos Ramos	Rua Caua do bairro Itamaraty	LESTE
Unidade Básica de Saúde Alvéolos Dantas	Rua 02 de Dezembro do bairro Tauá Mirim	NORTE
Unidade Básica de Saúde Manoel Carlito dos Santos	Rua Rocha de Carvalho no Bairro Espírito Santo	NORTE
Unidade Básica de Saúde Francisco Pereira Batista	Rua Vieira Martins no bairro Chagas Aguiar	LESTE
Unidade Básica de Saúde Luiz Carlos do Herval	Rua E no bairro da União	SUL
Unidade Básica de Saúde Eliana Feijó	Rua Agamenon Silva no bairro do Urucu	NORTE
Unidade Básica de Saúde Enedino Monteiro	Rua Bela Vista do bairro Pera	LESTE
Unidade básica de saúde do Ciganópolis	Temporariamente no Ginásio Poliesportivo Francisco Alberto da Luz – Tanta, no bairro União	OESTE
Unidade Básica de Saúde ribeirinha Enedino Monteiro	Temporariamente no porto de Coari na rua Independência bairro Centro	NORTE

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A elaboração do roteiro semiestruturado baseou-se na pressuposição dos eixos e das dimensões temáticas, apresentados no quadro 02 abaixo, para garantir o alcance dos objetivos da pesquisa e direcionar as entrevistas de forma a abordar não apenas a história de vida pessoal das jovens, mas também detalhes relacionados à sua gravidez, ao relacionamento com o pai da criança e suas experiências durante a maternidade.

Quadro 1 - Eixos e dimensões estruturadores da pesquisa

Eixos	Dimensões
Gravidez e Maternidade	-Percepções sobre a maternidade na adolescência -Processo gestacional -Fatores que contribuíram para a Gravidez -Educação Sexual
Rotina atual	-Mudanças que ocorreram com a maternidade -Rotina da Criança
Momentos significativos ao longo da vida e percurso educacional e profissional	-Experiências significativas vivenciadas durante a maternidade -Relação com a carreira escolar -Atividades laborais e mercado de trabalho
Aspirações e expectativas	-Anseios para o próprio futuro -Anseios para o futuro da criança
Desafios enfrentados e suportes recebidos	-Rede de Apoio -Relação com o genitor e família -Alterações no ciclo social -Relação consigo mesma e família

Fonte: Elaborado pela Autora (2024).

Resultados e Discussão

Embora o processo de seleção das participantes tenha mantido a aleatoriedade, por meio de sorteio entre todas as adolescentes que atendiam aos critérios da pesquisa e estavam cadastradas na área de abrangência da UBS, a amostra resultante revelou-se

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

diversificada quanto às fases da vivência da maternidade. Foram contemplados os seguintes perfis: 1 (uma) adolescente no segundo trimestre de gestação; 1(uma) no terceiro trimestre; 1(uma) puérpera e 1 (uma) adolescente com dois filhos, sendo um com 3 anos e outro com 7 meses.

Com base em eixos e dimensões temáticas definidos no projeto, o estudo coletou informações diretamente das participantes sobre suas experiências, buscando uma compreensão aprofundada do fenômeno. Após a coleta, os dados foram analisados segundo esses eixos, a partir dos quais surgiram novas cate

gorias teóricas e analíticas extraídas das falas das entrevistadas, conforme se vê na terceira coluna do quadro 03 abaixo.

Quadro 03 – Categorias teóricas/analíticas

Eixos	Dimensões	Categorias Teóricas / Analíticas
Gravidez e Maternidade	- Percepções sobre a maternidade na adolescência - Processo gestacional - Fatores que contribuíram para a gravidez - Educação Sexual	- Constituição do Sujeito no Discurso - Genealogia da Maternidade Precoce
Rotina Atual	- Mudanças que ocorreram com a maternidade - Rotina da criança	- Subjetivação Materna e Rede de Apoio
Momentos significativos ao longo da vida e percurso educacional e profissional	- Experiências significativas vivenciadas durante a maternidade - Relação com a carreira escolar - Atividades laborais e mercado de trabalho	-Disciplinamento e Controle Social
Aspirações e Expectativas	- Anseios para o próprio futuro - Anseios para o futuro da criança	- Silêncios e Exclusão Discursiva
Desafios enfrentados e suportes recebidos	- Rede de apoio - Relação com o genitor e família - Alinhamentos no ciclo social - Relação consigo mesma e com a família	- Materialidade da vulnerabilidade

Fonte: Elaborado pela autora (2025), com base em Foucault (1988, 2006, 2008), Louro (1997) e contribuições empíricas do corpus.

As análises que seguem serão estruturadas conforme as categorias teóricas e analíticas previamente apresentadas, buscando não apenas expor os resultados obtidos a partir do corpus, mas também integrá-los à discussão teórica existente. Esse procedimento visa oferecer uma compreensão mais aprofundada e contextualizada do fenômeno investigado.

De acordo com Ahinkorah (2021), compreender os preditores de uma gravidez na adolescência facilitam o desenvolvimento de intervenções direcionadas, e a investigação qualitativa fornece dados ricos para explicar as complexidades da gravidez na adolescência. A abordagem qualitativa, portanto, é valiosa. Ela investiga o significado dos dados,

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

empregando métodos de pesquisa que procuram compreender os fenômenos dentro de seu contexto natural.

Lim (2024) ressalta que entrevistas qualitativas, devido à sua natureza subjetiva, têm limitações para generalização em populações maiores, enfatizando a importância da profundidade e do contexto nesses estudos. Apesar disso, a abordagem qualitativa, embora complexa e exigente, pode oferecer contribuições valiosas à ciência quando bem aplicada. Com base nesse método, utilizando entrevistas como instrumento, foi possível traçar o perfil socioeconômico dos participantes da pesquisa, conforme se vê no quadro 04 a seguir:

Quadro 4 - Caracterização socioeconômica das adolescentes entrevistadas

Entrevistada	A.S.A (17 anos)	M.B.S (14 anos)	A.M.S.C (16 anos)	D.M.S (15 anos)
Cor/Raça	Parda	Branca	Parda	Parda
Cidade de nascimento	Coari - AM	Coari - AM	UBCoari - AM	Coari - AM
Escolaridade	2º ano Ensino Médio (abandonou)	Ensino Fundamental incompleto (estudando)	1º ano do Ensino Médio incompleto (abandonou)	Ensino Fundamental incompleto (abandonou)
Histórico de repetência	Não	3º e 6º ano	7º ano	6º ano
Trabalho	Não trabalha	Não trabalha	Não trabalha (só doméstico)	Trabalhava em hotel (parou)
Menarca	13 anos	12 anos	10 anos	12 anos
Início da vida sexual	15 anos	12 anos	13 anos	13 anos
Número de parceiros (último ano)	2	2	1	2
Método contraceptivo	Injeção mensal (interrompida)	Nunca usou	Camisinha	Pílula do dia seguinte
Planejamento da gravidez	Não planejada	Não planejada	Não planejada	Não planejada
Início do pré-natal	2º trimestre	1º trimestre	1º trimestre	1º trimestre
Situação conjugal	Namoro à distância (2 anos e 4 meses)	União estável (relacionamento de 9 meses)	União estável (4 anos)	Solteira, sem vínculo com pai do bebê
Idade do pai do bebê	20 anos	19 anos	25 anos	18 anos
Moradia	Com mãe e irmãos	Com esposo	Com esposo	Com mãe e irmã
Tipo de casa	Casa cedida pela avó, 4 cômodos	Casa cedida pela mãe com 4 cômodos	Casa com 3 cômodos	Casa própria com 7 cômodos
Condições sanitárias	Luz, poço, esgoto, coleta. Zona de risco, vetores, alagamentos	Luz, rede pública, fossa, esgoto a céu aberto, enchente e violência	Luz, rede pública, esgoto a céu aberto, coleta	Luz, poço, esgoto a céu aberto, coleta. Violência e vetores
Renda familiar	< de 1 Salário-Mínimo (Bolsa Família da mãe)	< de 1 Salário-Mínimo (Bolsa Família da mãe)	< de 1 Salário-Mínimo (Renda do companheiro)	< de 1 Salário-Mínimo (Bolsa Família da mãe)
Histórico familiar (gravidez materna)	Mãe engravidou aos 16, 7 filhos de pais diferentes	Mãe engravidou aos 16	Mãe engravidou aos 13, caso investigado pelo conselho	Não se recorda
Tempo de relacionamento durante a concepção	1 e 2 meses	2 meses	1ª gestação: 1 ano 2ª gestação: 2 anos e 2 meses	1 semana

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

Fonte: Dados extraídos dos formulários de Caracterização sociodemográfica e perfil de produção e reprodução social aplicado às entrevistadas (2025).

Como se vê nos resultados encontrados e apresentados no quadro 04, acima, a gravidez das adolescentes ocorre como consequência do incorreto de métodos contraceptivos: a adolescente A.S.A (17 anos) fazia uso de injeção mensal, mas o uso foi interrompido, a M.B.S (14 anos) nunca usou nenhum método, A.M.S.C (16 anos) usou camisinha e a D.M.S (15 anos) Pílula do dia seguinte. Além disso, resultados também evidenciam que a vulnerabilidade socioeconômica e a falta de escolaridade e de informação das adolescentes estão diretamente relacionadas à gravidez nestas adolescentes.

Uma das principais causas da gravidez na adolescência é a desinformação a respeito dos métodos contraceptivos, especialmente no que se refere ao uso correto desses recursos. No entanto, a não utilização desses métodos pode decorrer também de fatores como esquecimento, dificuldade de acesso, ocorrência de efeitos colaterais ou desconforto durante o uso. (Almeida et al., 2021).

Segundo Ahinkorah et al. (2021), fatores como baixa escolaridade, falta de acesso a informações sobre saúde sexual e reprodutiva e estruturas familiares desestruturadas contribuem significativamente para a ocorrência da gravidez. Tais aspectos são reforçados por Ribeiro & Alves (2022), que destacam que a gravidez na adolescência é um reflexo de uma combinação de ausência de apoio educacional e lacunas na rede de assistência à saúde pública.

As análises que se seguem estão organizadas pelos dados coletados de cada adolescente entrevistada. Optou-se por esta composição textual para evidenciar, separadamente, os dados de cada uma das 4 (quatro) adolescentes, vinculadas às 4 (quatro) UBS e das 4 (quatro) zona de localização de Coari. Para o discurso analisado de cada adolescente, serão evidenciados os mesmos temas analíticos, os quais seguem esta ordem: 1) constituição do sujeito no discurso, 2) disciplinamento e controle social, 3) genealogia da maternidade precoce, 4) Silêncios e exclusão discursiva 5) subjetivação materna e rede de apoio. 6) materialidade da vulnerabilidade

A.S.A- 17 Anos UBS Alvéolos Dantas

A Constituição do Sujeito no Discurso

Ao longo da entrevista, A.S.A aparece como uma figura subjetiva em construção, marcada por hesitações, timidez e constante busca de validação materna, conforme pode ser visto nos trechos destacados a seguir.

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

1. “E com quantos anos você teve sua primeira relação sexual? Você lembra?” (Entrevistadora, 2025).

2. “Eu acho, acho que foi com 15 anos”. (A.S.A, 2025). [olha discretamente para a mãe que está em sua frente com a cabeça abaixada – observação da Entrevistadora]

3. “Você engravidou da neném com 16 anos ou 17 anos?” (Entrevistadora, 2025).

4. “Eu tinha 16? 17! 17 anos né? (A.S.A, 2025). [olha para a mãe no aguardando da confirmação e ela corrobora com a informação - observação da Entrevistadora].

As falas de A.S.A são atravessadas por olhares e expectativas de outros (a mãe, a Entrevistadora, 2025, a ACS), o que evidencia a formação de um sujeito subordinado, inscrito em práticas discursivas que o limitam. Para Foucault (1982), o sujeito é uma posição produzida nos discursos, e não um agente soberano de suas escolhas. Essa concepção está em consonância com o que Orlandi (2001) denomina de "efeito de sentido", revelando que os sentidos não estão nos sujeitos, mas circulam entre eles por meio de formações discursivas.

Disciplinamento e Controle social

No enunciado (6) da jovem A.S.A., emergem práticas discursivas que revelam como os mecanismos de controle social, julgamento moral e normalização operam sobre os corpos das adolescentes grávidas.

5. “Você acha que você teve muita dificuldade ou julgamento por ter engravidado na adolescência?” (Entrevistadora, 2025).

6. “Se eu tivesse ficado aqui eu ia ter, mas peguei e eu fui embora pra Manaus, só voltei quando eu estava com 8 meses.” (A.S.A, 2025).

A adolescente reconhece de forma tácita a existência de um olhar social disciplinador, que se materializa no julgamento da comunidade local. Isso evidencia que os saberes e discursos que circulam sobre a gravidez na adolescência — especialmente em espaços menores, como municípios interioranos — atuam na regulação dos corpos e dos comportamentos, através de práticas de controle moral, que se tornam tecnologias de poder.

7. “Você estava com quantos meses quando foi pra Manaus?” (Entrevistadora, 2025).

8. “Eu estava com 5 meses. Meu bucho não estava aparecendo não. Ai eu só voltei pra ter a neném.” (A.S.A, 2025).

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

O deslocamento para Manaus, conforme enunciado (8), pode ser compreendido como uma estratégia de resistência, uma tentativa de escapar do olhar vigilante, da exposição pública e da censura social. Nesse movimento, percebe-se o funcionamento do que Foucault (2008) denomina de biopolítica, onde a gestão da vida e dos corpos é operada não apenas por instituições formais (como saúde e escola), mas sobretudo por práticas comunitárias e culturais que reproduzem normas de conduta.

Fica evidente a relação entre a visibilidade do corpo e o grau de exposição ao julgamento. O corpo grávido funciona como um marcador social, um sinal visual que rompe com o que é considerado aceitável para a juventude, sobretudo no que se refere à sexualidade e aos papéis de gênero. Aqui, opera-se o que Foucault (1988) chama de normalização, em que o corpo que foge das normas (o corpo grávido da adolescente) é alvo de discursos de controle, olhares, censura e correção.

Sabe-se que a constituição do sujeito está sempre vinculada a formas de reconhecimento social, o que muitas vezes é negado às mães adolescentes. A pesquisa de Batista et al. (2022) evidencia como a falta de apoio institucional e comunitário impacta negativamente à saúde mental e os projetos de vida dessas jovens.

Genealogia da Maternidade Precoce

Em Foucault (2006b), genealogia é um método de análise histórica e discursiva que rastreia a origem e os deslocamentos de saberes, práticas e relações de poder desnaturalizando o que parece imutável nas formas de organização social. Segundo Foucault (2006b), a genealogia não busca identificar uma essência do sujeito ou uma origem fixa da identidade, mas, ao contrário, analisar como os discursos e os acontecimentos históricos produzem formas múltiplas e mutáveis de subjetivação. Isso se mostra nas transcrições abaixo.

9. “Foi uma gestação planejada?” (Entrevistadora, 2025).

10. “Não!” (A.S.A, 2025).

11. “Quando você engravidou da sua filha mais velha, você também morava com seus pais? [se direcionando a mãe da entrevistada]” (Entrevistadora, 2025).

12. “Sim, eu morava com eles” (Mãe da A.S.A, 2025).

O discurso da mãe de A.S.A constrói uma narrativa de repetição histórica: ela também engravidou jovem, em condições semelhantes.

13. “Você engravidou dela com quantos anos?” (Entrevistadora, 2025).

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

14. “Eu tinha 17, da idade da A.S.A, mas eu tive ela com 18 anos, meus filhos são todos assim, um atrás do outro” (Mãe da A.S.A, 2025).

Essa repetição revela um discurso familiar que naturaliza a gravidez na adolescência e a maternidade como destino, funcionando como um mecanismo de reprodução de saberes e condições sociais que perpetuam esse padrão.

15. “Quanto as experiencias, o que você está sendo mais significativa pra ti? Por exemplo, você é mãe, e agora?” (Entrevistadora, 2025).

16. “Com certeza, a responsabilidade aumentou, mas até agora não tá muito difícil não, porque a neném quase não faz nada, né, ela não é um bebê que chora, então consigo dar banho e ela não chora, ela fica o dia inteiro dormindo, só de noite que é difícil, porque ela chora muito e eu não consigo dormir, ontem por exemplo ela passou a noite acordada, mas é só isso.” (A.S.A, 2025).

A história da mãe valida a experiência da filha e reforça o silenciamento de alternativas. Segundo Foucault (2006b), os discursos são práticas que sistematizam e mantêm relações de poder no tempo.

Silêncios e Exclusão Discursiva

Foucault (1996, p. 9), afirma que há em toda sociedade procedimentos de exclusão. O discurso mais evidente e, também o mais familiar, é “aquele que se pode chamar de interdição”. Também há de se considerar o silêncio. “Longe de ser o contrário do discurso – faz parte das estratégias de sua produção, de sua manutenção e de seus efeitos” (Foucault, 1996, p. 29). Em (18), a adolescente diz:

17. “Quais fatores você acha que contribuíram para a tua gravidez?” (Entrevistadora, 2025).

18. “Não sei, não sei responder essa pergunta” (A.S.A, 2025).

O silêncio de A.S.A diante de perguntas sobre os fatores que levaram à sua gravidez revela uma exclusão discursiva. A jovem não possui acesso a discursos legitimados que poderiam explicar sua situação por fatores estruturais, como desigualdade de gênero, pobreza ou ausência de políticas públicas.

Sua falta de resposta não indica ausência de inteligência, mas uma impossibilidade de fala dentro dos marcos que estruturam sua experiência. Foucault (1996) destaca que a análise deve também atentar para o não dito, para o silenciado, pois o que é excluído do discurso também é um efeito de poder.

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

Subjetivação Materna e Rede de Apoio

Para Foucault (2006a), a subjetivação refere-se aos processos históricos, sociais e discursivos pelos quais os indivíduos se constituem como sujeitos.

19. "Quanto as experiencias que você está sendo mais significativa pra ti? Por exemplo, você é mãe, e agora?" (Entrevistadora, 2025).

20. "Com certeza, a responsabilidade aumentou, mas até agora não tá muito difícil não, porque a neném quase não faz nada, né, ela não é um bebê que chora, então consigo dar banho e ela não chora, ela fica o dia inteiro dormindo, só de noite que é difícil, porque ela chora muito e eu não consigo dormir, ontem por exemplo ela passou a noite acordada, mas é só isso." (A.S.A, 2025).

O enunciado da jovem A.S.A. revela como os discursos sobre a maternidade na adolescência atravessam sua experiência e produzem subjetividades alinhadas às normas sociais de cuidado, responsabilidade e desempenho do papel materno.

Percebe-se claramente a internalização de um discurso normativo que associa a maternidade — independentemente da idade — à responsabilização moral, emocional e prática, produzindo uma nova configuração subjetiva. Isso evidencia o que Foucault (2014) chama de tecnologias de si, ou seja, práticas pelas quais o sujeito se constitui, se governa e se molda, a partir dos saberes e discursos vigentes.

Materialidade da Vulnerabilidade

Segundo informações obtidas do formulário aplicado, o ambiente onde A.S.A vive — marcado por alagamentos constantes, presença de vetores (como mosquitos transmissores de arboviroses), risco de acidentes com animais como arraias e outros perigos ambientais — não é um cenário neutro. Pelo contrário, funciona como um dispositivo biopolítico que produz e reproduz desigualdades, definindo quais populações estão mais expostas à morte lenta, à doença e à precarização da vida (Foucault, 1996).

Este território não é apenas espaço físico, mas um espaço produzido socialmente pela ausência de políticas públicas, pela negligência histórica do Estado e pela omissão das estruturas que deveriam assegurar direitos fundamentais como saneamento básico, segurança, acesso à saúde e à educação.

M.B.S - 14 Anos - UBS Luzia Tenório Ramos

Constituição do Sujeito no Discurso

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

A constituição do sujeito em Foucault (2006a), é uma construção que se dá pelas relações de poder e isso é claro nas citações a seguir:

21. "Você sabe ler e escrever?" (Entrevistadora, 2025).

22. "Eu sei ler mais ou menos." (M.B.S, 2025).

23. "E escrever, sabe?" (Entrevistadora, 2025).

24. "Mais ou menos." (M.B.S, 2025).

25. "Você repetiu algum ano na escola?" (Entrevistadora, 2025).

26. "Sim repeti, no terceiro ano e no sexto ano). (M.B.S, 2025).

27. "Qual foi o motivo que fez você repetir?" (Entrevistadora, 2025).

28. "Eu repeti esses dois anos porque eu fui pro interior morar lá, entendeu?" (M.B.S, 2025).

Como se vê nas falas de M.B.S., ela é um sujeito constituído no cruzamento de múltiplos discursos que produzem verdades sobre ela. Seu discurso revela uma trajetória marcada pela precariedade social, pela fragilidade nas estruturas educacionais, pela ausência de políticas públicas efetivas e pela naturalização da maternidade precoce como destino quase inevitável. Esse ponto se liga aos dispositivos de saber-poder descritos por Foucault (1988). Segundo o autor, a escola é um espaço de disciplinamento dos corpos e das subjetividades, e ao mesmo tempo que pretende incluir, frequentemente exclui os mais vulneráveis silenciosamente.

O fato de ela estar no 6º ano, mas apresentar dificuldade na leitura e escrita, não é uma simples questão individual, mas expressão de um mecanismo social muito mais amplo, em que determinados corpos — especialmente os de jovens pobres, mulheres, mães adolescentes e moradores de territórios periféricos — são submetidos a regimes de controle biopolítico.

Disciplinamento e Controle Social

Para Foucault, o disciplinamento e controle social são formas de exercício do poder, um conjunto de técnicas que regula os corpos. A fala (29), abaixo, evidencia o fracasso parcial das tecnologias disciplinares aplicadas à sexualidade juvenil.

29. "Eu tive uma vez na escola, mas nem liguei... a mamãe só falava que não era pra eu engravidar cedo senão eu ia me lascar, mas conversar, conversar não!" (M.B.S, 2025).

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

As estratégias escolares e familiares se limitam a discursos de proibição ou de alerta, muitas vezes moralizantes, sem efetivamente se constituírem em espaços de produção de saberes, reflexão crítica e autonomia.

Foucault (1985) alerta que a sexualidade nunca foi tratada como algo a ser compreendido, mas sim como algo a ser controlado. O que se oferece não é uma educação emancipadora, mas um conjunto de prescrições e normatizações, conforme expresso em (29) "mamãe ...lascar", que não dialogam com os desejos, afetos e experiências das jovens.

Como se vê, o dispositivo da sexualidade também é operado dentro das famílias, especialmente nas famílias de classes populares, em que a regulação dos corpos femininos ocorre sob a forma de advertências, censuras e reforço de normas morais. Entretanto, há uma ausência de diálogo, de escuta e de construção de saberes sobre o próprio corpo e a própria sexualidade, o que fragiliza qualquer estratégia de prevenção pautada apenas no medo ou na repressão simbólica.

É comum que a mãe adolescente vivencie desafios na construção do vínculo com seu filho, uma vez que ela se encontra, simultaneamente, atravessando seu próprio processo de desenvolvimento subjetivo e assumindo responsabilidades inerentes aos cuidados maternos. Esse duplo movimento – ser cuidada e cuidar – impõe limites, tensões e ressignificações à sua trajetória enquanto sujeito em formação (Lopes, 2021).

Genealogia da Maternidade Precoce

30. "Eu não planejava ser mãe tão cedo, mas é aquilo, a gente acha que nunca vai acontecer com a gente. Eu não queria ter esse bebê." (M.B.S, 2025).

Em sua declaração, M.B.S evidencia a tensão entre os discursos normativos que regulam a sexualidade (como as falas sobre prevenção, maternidade responsável, ou os alertas familiares) e a realidade concreta de uma subjetividade jovem, que não se reconhece plenamente nesses discursos, seja por falta de informação estruturada, seja pela ausência de um espaço de escuta e orientação sobre sexualidade e desejo.

Além disso, sua reação — "fica com vergonha e se esquiva da pergunta" — não é apenas um ato individual, mas uma manifestação clara de como os discursos sociais colocam a sexualidade feminina, sobretudo na adolescência, sob o signo da culpa, do silêncio e da vergonha, funcionando como tecnologias de sujeição.

A iniciação sexual aos 12 anos, sem o uso de anticoncepcional, conforme demonstrado no quadro 04, e sem uma conversa direta com os pais, aponta para uma

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

sexualidade socialmente naturalizada, mas ao mesmo tempo silenciada. M.B.S. disse, na entrevista, que "só teve vontade" e que "todo mundo namorava", mostrando a construção de uma norma social juvenil que não é acompanhada por uma rede de diálogo e proteção.

O diálogo entre mãe e filha revela como a maternidade precoce atravessa gerações, mas não de maneira idêntica:

31. "Na minha época era pior. Agora que hoje em dia eu tô mais melhor." (Mãe da M.B.S, 2025).

32. "A senhora tinha quantos anos quando engravidou pela primeira vez?" (Entrevistadora, 2025).

33. "Eu tinha 16 anos na época. Quando engravidei do meu mais velho. Mas eu queria ter ele, foi planejado." (Mãe da M.B.S, 2025).

Aqui se observa o que Foucault (2006b) descreve como uma genealogia dos saberes e práticas, onde as experiências não se repetem, mas se transformam dentro de um contexto histórico, econômico e político específico. A mãe, que engravidou aos 16 anos de forma planejada, reflete uma época e uma lógica distinta da filha, que engravida aos 14 anos, sem planejamento, carregando consigo o peso do não desejo da maternidade naquele momento.

Foucault (2008) discute como a biopolítica atua na gestão da vida das populações. No caso de M.B.S., o próprio fato de sua gravidez não ser planejada, ocorrer precocemente e dentro de um contexto de vulnerabilidade, revela como as falhas nas redes de cuidado, educação sexual e proteção social são, na verdade, expressões do biopoder.

Silêncios e Exclusão Discursiva

34. "Você tinha algum projeto de vida, alguma meta que desejava alcançar que a gestação te impediu?" (Entrevistadora, 2025).

35. A entrevistada fica em silêncio. [observação da Entrevistadora sobre M.B.S].

36. Qual é a tua principal dificuldade? (Entrevistadora, 2025).

37. Não sei responder essa pergunta. (M.B.S, 2025).

O silêncio da adolescente diante da pergunta sobre projetos de vida e os sucessivos "não sei responder" não são meramente lacunas individuais, mas efeitos de relações de saber-poder que estruturam quais discursos são permitidos ou silenciados.

Foucault (1996) argumenta que o silêncio não é ausência de discurso, mas parte dele. O silêncio da jovem diante da projeção de futuro ou das dificuldades da maternidade

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

revela que sua subjetividade foi construída em um cenário onde não lhe foi garantido espaço para pensar sobre o próprio futuro, sobre o desejo ou autonomia.

O simples fato de "não saber responder" a perguntas sobre projetos de vida é, portanto, efeito direto de um regime de saber-poder que não lhe oferece ferramentas para significar sua própria experiência.

Subjetivação Materna e Rede de Apoio

Como se vê em 38, abaixo, é exemplar da maneira como os corpos gestantes são disciplinados e controlados, inclusive no âmbito privado e familiar. A alimentação, os sintomas (enjoo, dor de cabeça), o peso — todos esses elementos são transformados em objetos de gestão pela família.

38. "Ela come as coisas mesmo porque a gente força ela a comer, porque se depender dela ela não come nada." (Mãe da M.B.S, 2025).

39. "Como você se define atualmente? Você se define uma criança, uma adolescente, uma mulher, uma mãe?" (Entrevistadora, 2025).

40. "Como mulher" (M.B.S, 2025).

M.B.S. afirma em (40) que se sente como mulher, mas, imediatamente, a mãe retifica (41)

41. "Mas como ela já tá grávida, já é como a mãe já, né? (...). Então até pra mim, a pessoa se formou já é com a mãe já. Uma mulher. É uma mulher já formada, né?" (Mãe da M.B.S, 2025).

A forma como M.B.S. e sua mãe se referem, respectivamente em (40) e (41) - "mulher" e "mãe já formada" - mostra a naturalização da maternidade como rito de passagem para a forma adulta feminina. Esse discurso é comum em comunidades em situação de vulnerabilidade e responde a uma construção histórica e cultural sobre o lugar da mulher, especialmente da mulher pobre, no mundo (Butler, 2021).

Revelando um deslocamento simbólico e social: a gravidez opera como marcador de passagem, como rito biopolítico que transforma uma adolescente em "mulher formada" — socialmente, biologicamente e moralmente. Isso se insere nos regimes de verdade que normatizam identidades e papéis sociais: mesmo sem estrutura ou apoio, ser mãe passa a definir quem ela é — apagando as outras possibilidades de subjetivação (estudante, adolescente, jovem com desejos).

Materialidade da Vulnerabilidade

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

A fala (43), abaixo, revela um tensionamento direto com as práticas institucionais de prevenção.

42. "O que você acha sobre as políticas públicas que é basicamente o que o governo e secretaria de saúde fazem pra prevenir as meninas adolescentes de terem uma gravidez na adolescência. Você acha que eles têm uma rede de amparo suficiente, ou você acha que tem um descaso em relação aos atendimentos e o apoio prestado?" (Entrevistadora, 2025).

43. "Eu acho que não funciona, de vez em quando faziam palestras lá na escola, mas ninguém liga, eu não prestava atenção, achava que não ia acontecer comigo, e agora tô buchuda." (M.B.S, 2025).

A percepção de MBS escancara uma limitação estrutural dessas ações: são práticas centradas na transmissão de informações, mas descoladas das realidades, subjetividades e condições materiais das jovens. O "achava que não ia acontecer comigo" revela, segundo Foucault (1985), como os discursos da sexualidade não se impõem apenas por meio da repressão, mas também pela produção de saberes que nem sempre se traduzem em transformações práticas na vida dos sujeitos.

44. "Eu até fui com a mamãe pra tentar fazer meu bolsa família, mas a mulher disse que não podia por eu ser de menor." (M.B.S, 2025).

Aqui se observa como, além da responsabilização individual sobre a prevenção, há também barreiras institucionais no acesso aos direitos e à proteção social. O próprio Estado, que cobra autocuidado e responsabilização, é o mesmo que nega acesso às políticas assistenciais por critérios burocráticos que desconsideram as condições de vulnerabilidade. A impossibilidade de incluir M.B.S. no programa por ser menor de idade mostra a inadequação burocrática dos sistemas de proteção social à realidade de jovens mães.

Foucault (2008), em sua teoria da biopolítica, afirma que o Estado regula a vida através de mecanismos de controle e exclusão. Nesse caso, a gestante adolescente, por estar fora das normativas etárias e familiares do sistema, não tem acesso pleno aos direitos. Sua vida (e a do bebê) é gerida a partir de uma lógica de "manutenção mínima da vida", e não de emancipação.

45. "Aqui é muito perigoso (...), a água fica bem pertinho quando enche, tem muito rato (...), tenho medo da casa cair (...)," (M.B.S, 2025).

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

Percebe-se como o espaço físico se inscreve diretamente na constituição de sua subjetividade. Não se trata apenas de um dado material (a casa precária), mas de uma construção social e política que produz sujeitos vulneráveis, governáveis e regulados. Para Foucault (2008), a biopolítica é exatamente esse conjunto de práticas e discursos que regulam a vida, os corpos e os riscos, não mais pela punição direta, mas pela gestão dos ambientes, das condições sanitárias, das populações, da reprodução e da sobrevivência.

A condição de vida relatada pela jovem demonstra um tipo de governabilidade que opera pela ausência: ao não fornecer infraestrutura básica, saneamento, segurança habitacional, o Estado exerce uma forma de controle indireto, onde a própria precariedade passa a funcionar como uma tecnologia de poder.

O medo da casa cair, do rato, da enchente, não são apenas experiências isoladas, mas elementos constitutivos de uma subjetividade que cresce marcada pela constante percepção do risco. Isso interfere na forma como essas jovens constroem seus projetos de vida, seus afetos, sua relação com o corpo e com o futuro.

A.M.S.C -16 Anos - UBS Ciganópolis

A Constituição do Sujeito no Discurso

Conforme (47) e (48), abaixo, a jovem A.M.S.C inicia sua trajetória materna aos 13 anos, evidenciando não apenas uma gravidez precoce, mas também uma transição abrupta da infância para uma condição de adulta, sem que tenha havido tempo ou estrutura para construir um projeto de vida. A juventude, na perspectiva foucaultiana, não é uma fase natural ou universal, mas um efeito de práticas discursivas que a constroem como categoria social.

46. "Você iniciou a atividade sexual com quantos anos?" (Entrevistadora, 2025)

47. "Com treze. Só que com treze eu nem parecia com uma menina pequena, eu tinha muito corpo" (A.M.S.C, 2025).

48. "Minha primeira gestação foi com 13 anos" (A.M.S.C, 2025).

Como afirma Foucault (1979), os sujeitos são constituídos por discursos que operam sobre seus corpos, comportamentos e modos de vida. A fala de A.M.S.C. revela um processo de subjetivação precoce pela maternidade, tensionando o modelo idealizado da juventude como tempo de preparação, estudo e experimentação. Quando questionada sobre o motivo da iniciação sexual precoce, A.M.S.C declara:

49. "Tava com treze anos… nem eu sei... foi tão rápido assim." (A.M.S.C, 2025).

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

A citação (49) exemplifica a descontinuidade da narrativa tradicional de juventude, marcada por uma interrupção que desloca A.M.S.C. de seu lugar simbólico como "jovem" para o de "mãe". O corpo jovem feminino, nesse caso, torna-se alvo de múltiplos regimes de controle: escolar, médico, moral e familiar, todos operando segundo a lógica da biopolítica, que visa gerir as populações e regular condutas (Foucault, 2008).

50. "Eu fiquei muito empolgada com a minha primeira gestação." (A.M.S.C, 2025).

51. "Minha avó cuidou de mim e cuidou do meu filho." (A.M.S.C, 2025).

A adolescente A.M.S.C. se apresenta como um sujeito que, desde muito jovem, é interpelado pelos discursos de maternidade, cuidado e responsabilidade, tipicamente atribuídos ao feminino nas sociedades patriarcais. A ausência da responsabilização do parceiro reforça esse lugar: ela não apenas cuida, mas se entende e é entendida socialmente como "aquela que cuida", independentemente de sua idade ou de suas condições.

Como afirmam Sarmento (2018), as políticas públicas muitas vezes produzem uma juventude "anormal" — aquela que foge ao padrão escolarizado, branco, de classe média —, sendo alvo de medidas de correção e controle, como ocorre nas práticas de saúde e assistência social.

Disciplinamento e Controle Social

Como se percebe em (52), a relação com a família mostra o embate entre os discursos normativos (aborto, autoridade materna) e a resistência afetiva:

52. "Quem me apoiou mais foi minha avó... se não fosse por ela, o meu primeiro ia até ser tirado." (A.M.S.C, 2025).

A figura da avó assume uma função de cuidado e suporte, substituindo o Estado naquilo que seria sua responsabilidade: a garantia de direitos reprodutivos, proteção social e cuidado em rede. A disciplina familiar, como Foucault já apontava em Vigiar e Punir (1988), é uma extensão dos dispositivos sociais de normalização. A mãe de A.M.S.C., ao propor o aborto, internaliza a lógica de exclusão dos "indesejáveis" — os filhos de adolescentes pobres.

53. "Ele nasceu com um cordão enrolado no pescoço. Ele tem a cabeça meio coisada assim. Foi um... Foi um impacto muito grande no meu primeiro." (A.M.S.C, 2025).

O corpo de A.M.S.C. é, nesse discurso, território de múltiplos atravessamentos: O risco obstétrico: (parto com sofrimento fetal, cesárea, risco de morte); a falta de acesso aos direitos: (falta de acompanhamento, não acesso a bolsa família, não planejamento da

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

gravidez); e o controle social e familiar: (a tentativa da mãe de levá-la ao aborto e a intervenção da avó que assume o cuidado). Nesse sentido, o corpo da adolescente, pobre e parda, é produzido dentro de um regime biopolítico, no qual a vida é colocada sob gestão, e onde certos corpos são mais expostos ao risco e à precarização.

Segundo Donzelot (1980), a família é uma peça chave na "política da família" do Estado moderno: ela é responsabilizada, vigiada e ao mesmo tempo utilizada como instrumento de governabilidade. A família pobre, no entanto, vive em estado de vulnerabilidade múltipla e contínua, e delegar a ela funções protetivas sem suporte estatal é um modo de culpabilização estrutural.

Genealogia da Maternidade Precoce

Na análise foucaultiana da sexualidade (1985), o poder não se manifesta apenas pela repressão, mas pela produção de verdades sobre os corpos e os prazeres. No caso de A.M.S.C., percebe-se a ausência de práticas discursivas consistentes sobre sexualidade. Em (55), abaixo, Ela afirma: "Só palestra nas escolas."

54. "Você teve contato com educação sexual na sua vida? Conversa com os pais? Palestra na escola?" (Entrevistadora, 2025).

55. "Só palestra nas escolas." (A.M.S.C, 2025).

Essa fala aponta para um modelo pontual, verticalizado e moralizante de educação sexual, que opera mais como estratégia de controle do corpo do que como promoção da autonomia. O discurso hegemônico da saúde pública — centrado na prevenção da gravidez — não alcança, de fato, as subjetividades juvenis em sua complexidade.

Quando questionada:

56. "O que você acha que te influenciou a iniciar a vida sexual cedo?" (Entrevistadora, 2025).

57. "Nem eu sei, foi tão rápido assim." (A.M.S.C, 2025).

Surge um sujeito cuja sexualidade é construída no não dito, no não elaborado, no silenciado. Esse silenciamento é uma forma de governabilidade, onde os corpos das meninas pobres e periféricas são atravessados por discursos que, paradoxalmente, as hiper expõem socialmente (como mães precoces) e ao mesmo tempo as impedem de falar, compreender ou refletir sobre suas próprias experiências sexuais.

Segundo Louro (1997), a sexualidade é sempre mediada por discursos culturais, e a escola, enquanto instituição disciplinar, tende a reforçar padrões normativos, muitas vezes

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

ignorando as experiências reais dos jovens. A ausência de escuta sobre o desejo e a naturalização da iniciação sexual precoce revelam uma governabilidade que falha em formar sujeitos críticos e conscientes de seus corpos e relações.

Subjetivação Materna e Rede de Apoio

A afirmação (58) de A.M.S.C., abaixo, também pode ser lida como expressão de resistência, no sentido proposto por Foucault (1982/2006b): o poder não é unidimensional nem absoluto; sempre suscita formas de resistência.

58. "Tenho que dar um futuro bom pros meus filhos." (A.M.S.C, 2025).

A jovem assume para si a tarefa de cuidar, sustentar e proteger, ainda que sem recursos suficientes. O discurso da maternidade responsável, internalizado por ela, é ao mesmo tempo um produto da governabilidade e um ato ético de construção de sentido e agência sobre sua vida.

A subjetividade de A.M.S.C., exposta em (59) é, contraditória e potente, ao mesmo tempo em que ela tem consciência da falta de preparo para a maternidade, ela também inventa maneiras de resistir ao abandono, inabilidade e à precariedade.

59. "Não é pela criança, porque se a gente não tem uma condição, a gente não tem como ter uma criança, se a gente não tem um lar pra gente ficar. Como a gente vai ter um filho, criar um filho, se a gente não tem uma condição de ter uma casa?" (A.M.S.C, 2025).

A maternidade torna-se a forma de dar continuidade à vida — mesmo quando o mundo institucional falha.

Materialidade da Vulnerabilidade

A experiência reprodutiva de A.M.S.C. escancara os limites da biopolítica no contexto da saúde coletiva. Foucault (2008) descreve a biopolítica como o conjunto de estratégias de poder que incidem sobre a vida — não mais para matar, mas para gerir, proteger e maximizar. No entanto, essa proteção é seletiva.

60. "Tive hemorragia, parada cardíaca… ele nasceu morto. Foi reanimado." (A.M.S.C, 2025).

A quase morte da mãe e do bebê representa o fracasso das tecnologias de cuidado no território periférico, onde a atenção básica e a rede de proteção social são descontínuos, frágeis e tardias. A medicina preventiva, tida como pilar da atenção primária, não foi capaz de prever, nem conter, o agravamento da gestação, como se vê nos relatos (61) e (62) da adolescente:

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

61. “Foi um milagre. Porque ele nasceu morto.” (A.M.S.C, 2025).

62. “Eu ia morrer, ele também.” (A.M.S.C, 2025).

A.M.S.C. se inscreve discursivamente no limite entre a vida e a morte — não apenas biológica, mas social e simbólica. Essa narrativa produz um sujeito que se constitui não só pela experiência da gravidez na adolescência, mas também pela experiência de ter o corpo e a vida colocados em risco, na maternidade precoce, no parto violento e nas condições precárias de acesso à saúde.

Aqui, o parto não é só um evento biológico, mas um marcador biopolítico, onde o Estado — ao não garantir acesso pleno à saúde de qualidade — expõe esses corpos ao risco, ao adoecimento e, potencialmente, à morte.

Autores como Campos (2000) e Ayres (2004) apontam que a saúde coletiva deve ultrapassar o modelo biomédico e incorporar o conceito de “vínculo”, escuta ativa e projeto terapêutico singular. Na experiência de A.M.S.C., a lógica institucional falha ao não considerar sua inserção social, emocional e histórica.

D.M.S – 15 Anos UBS Santa Efigênia

A Constituição do Sujeito no Discurso

D.M.S. se constitui discursivamente como um sujeito tensionado entre a condição de adolescente e de mãe, o que fica explícito quando ela afirma:

63. “Como você se identifica? Como mãe, como mulher, como adolescente?” (Entrevistadora, 2025).

64. “Como adolescente e como mãe.” (D.M.S, 2025).

A constituição de D.M.S. como sujeito é atravessada por diversos marcadores, conforme apresentado no quadro 04: Gênero (ser mulher); Classe (baixa renda — vive com menos de meio salário-mínimo); Raça (se autodeclara amarela, revelando nuances locais de racialização); Escolaridade precária (interrupção dos estudos no sexto ano); Fragilidade nas relações afetivas (ausência do pai da criança após a revelação da gravidez). O discurso constrói um sujeito jovem que não acessa plenamente as redes de cuidado, informação e proteção social. É um sujeito produzido nos cruzamentos dos dispositivos da pobreza, da negligência institucional e da responsabilização feminina pela maternidade.

Disciplinamento e Controle social

A figura materna surge como autoridade reguladora, mas também como suporte afetivo e disciplinador:

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

65. “A mamãe sempre olhava a minha menstruação.”(D.M.S).

66. “A mamãe contou pra ele [o pai do bebê].” (D.M.S, 2025).

67. “Mamãe e aquela bichinha ali [irmã] é quem me ajuda.” (D.M.S).

A família exerce um papel ambíguo: ao mesmo tempo em que acolhe, também vigia e moraliza. Esse papel é típico dos dispositivos de poder difuso descritos por Foucault (2006b), onde o controle é capilar, exercido nos micropoderes cotidianos.

Apesar da docilidade expressa em grande parte da fala da jovem, também há formas sutis de resistência e produção de sentido próprio:

68. “Eu queria um menino e veio uma menina.” (D.M.S, 2025).

69. “Foi bom.” [sobre a gravidez] (D.M.S, 2025).

Mesmo dentro de um contexto adverso, D.M.S. reconstrói a narrativa da gravidez como experiência positiva, atribuindo-lhe um valor afetivo que escapa ao discurso dominante da gravidez como problema. Esta é uma forma de ressignificar a experiência, apropriando-se da identidade de mãe adolescente de maneira que não é apenas determinada de fora.

Genealogia da Maternidade Precoce

Segundo Foucault (1985), o dispositivo da sexualidade é um conjunto de discursos, instituições e práticas que visam regular os corpos, os prazeres e a reprodução da vida. A entrevista evidencia como esse dispositivo opera sobre o corpo da jovem:

70. “Eu sabia não. Mas... Mas Deus me deu, né? Essa criança. [...] Fiquei feliz quando eu fui saber.” (D.M.S).

Aqui, o desconhecimento sobre o próprio corpo e os mecanismos reprodutivos revela a ausência de acesso a práticas de educação sexual. A gravidez é interpretada como um destino ou "presente de Deus", deslocando o debate do campo da autonomia para o da naturalização moral.

A entrevista revela que a gravidez precoce não é um evento isolado, mas um efeito de processos históricos e socioculturais, por meio de reprodução intergeracional: A mãe de D.M.S. também engravidou aos 13 anos. Isso aponta como o ciclo da maternidade precoce se perpetua em contextos de vulnerabilidade.

71. “Você teve contato com educação sexual em sua vida? Conversa com os pais? Palestras nas escolas?” (Entrevistadora, 2025).

72. “Não.” (D.M.S, 2025).

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

73. “Eu não sabia que eu tava grávida. A mamãe sempre olhava a minha menstruação, que era descer, porque eu descia no mesmo dia, na mesma data que a mamãe menstruava. Aí ela ficava desconfiando, desconfiando, aí eu fui pro hospital.” (D.M.S, 2025).

A falta de educação sexual formal (negada pela escola e pela família) mostra como o saber sobre o corpo da mulher é regulado. O biopoder — que, para Foucault (2008), se exerce através do cuidado com a vida e da gestão da população — aparece precarizado nesse contexto. O corpo da jovem se torna alvo de discursos normativos e de controle por parte da mãe, mas sem as ferramentas de autocuidado que esse mesmo discurso supostamente promove.

Subjetivação Materna e Rede de Apoio

Conforme expresso em (74) e (75), D.M.S. percebe como adolescente e mãe, mas sem uma elaboração crítica da condição materna:

74. “Como você enxerga a responsabilidade da maternidade?” (Entrevistadora, 2025).

75. “Não tem não ainda.” (D.M.S, 2025).

Ela não reconhece ainda a responsabilidade total da maternidade, essa subjetivação materna é um processo que não surge de uma escolha livre, mas de um conjunto de práticas discursivas e não discursivas (religiosas, familiares, biomédicas e econômicas) que empurram essa jovem para a maternidade como destino, reafirmando uma lógica patriarcal e conservadora.

76. “Quais eram os seus projetos de vida antes da gestação?” (Entrevistadora, 2025).

77. “Nenhum.” (D.M.S, 2025).

Essa ausência de projeto de vida, marcada na fala (77), é sintomática de uma forma de subjetivação marcada pela marginalização, onde a juventude é regulada pela falta: de educação, de perspectivas, de direitos. Vê-se que não posições de responsabilidade e planejamento na fala de D.M.S. fato que mostra uma subjetividade ainda em processo, imersa em uma lógica de sobrevivência e afeto imediato.

Materialidade da Vulnerabilidade

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

Conforme apresentado no quadro 04, a entrevista com D.M.S. revela um cenário de vulnerabilidade múltipla: baixa renda, evasão escolar, moradia precária, falta de saneamento, abandono paterno e ausência de políticas públicas efetivas.

Os dados apresentados em (78) e (79), abaixo, não apenas constroem um retrato social, mas também configuram um regime de visibilidade da pobreza, onde os sujeitos pobres são expostos como "populações de risco", objeto de vigilância e assistência mínima — não de cidadania plena.

78. "Só R$200,00 que a mamãe recebe [...] do bolso de família é R$150,00." (D.M.S, 2025).

79. "É do poço." "Céu aberto." "Rato, barata, tem aranha também." (D.M.S, 2025).

80. "Você acha que tem políticas públicas de prevenção à gravidez na adolescência?" (Entrevistadora, 2025).

81. "Acho que não." (D.M.S, 2025).

Como se vê na afirmação de D.M.S. em (81), o Estado aparece como ausente. Em contexto local amazônico semelhante a este, a política pública parece ser percebida apenas na forma hospitalar — o lugar da urgência, não da prevenção ou emancipação.

Correlação Discursiva entre as Entrevistas

A análise foucaultiana mostra que a gravidez na adolescência em Coari, Amazonas, não é um caso isolado, mas resultado de práticas discursivas que criam subjetividades femininas marcadas pela invisibilidade social, negligência institucional e desigualdades de poder.

O papel da família na trajetória dessas adolescentes é atravessado por discursos ambíguos. Inicialmente, há uma reação de reprovação moral frente à gravidez, expressa nas falas de desapontamento das mães ou dos responsáveis. Entretanto, esse julgamento rapidamente se converte em aceitação, o que revela uma naturalização da maternidade precoce como destino das mulheres no contexto analisado.

As falas das adolescentes revelam uma transição abrupta da infância para a vida adulta, com responsabilidades impostas, mas mantendo dependência econômica e afetiva. As condições socioeconômicas precárias produzem discursos que aprofundam a vulnerabilidade. Assim, a gravidez na adolescência é um fenômeno biopolítico que articula pobreza, gênero, juventude e desigualdade, atuando como controle social sobre corpos e territórios

https://doi.org/10.36311/1982-8004.2025.v18.e025001
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

Para muitas, as opções de mobilidade social ficam mais restritas, e o papel tradicional de mãe e esposa acaba se tornando uma das poucas opções vistas como viáveis. Esse cenário reforça a ideia de que a gravidez na adolescência pode não apenas interromper o desenvolvimento pessoal, mas também perpetuar os papéis de gênero estabelecidos, limitando as escolhas dessas mulheres.

Considerações Finais

Ainda que este estudo caso aborde análise de uma amostra reduzida de sujeitos (04 adolescentes) e isso não permita generalizações sobre o cenário global da gravidez na adolescência em Coari-Amazonas, pela estratégia metodológica adotada de seleção deste corpus, é possível conjecturar sobre cenários similares, uma vez que os sujeitos são oriundos de 04 UBS distintas e das quatro zonas territoriais do município.

Por fim, é essencial destacar que a gravidez na adolescência deve ser abordada como um problema de saúde pública que requer esforços integrados entre educação, saúde e assistência social. A promoção de estratégias de educação sexual efetiva, o fortalecimento da rede de apoio às adolescentes e o desenvolvimento de ações baseadas em evidências podem contribuir para reduzir os índices de gravidez na adolescência e melhorar as condições de vida dessas jovens. Assim, compreender os discursos, experiências e desafios das mães adolescentes é não apenas uma necessidade científica, mas também um imperativo ético e social.

REFERÊNCIAS

Ahinkorah, B. O. (2021). *Predictors of first adolescent pregnancy and its impact on pregnancy intentions among women in Ghana: Evidence from the 2014 Ghana Demographic and Health Survey.* PLOS ONE, 16(5), e0251007. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0251007

Almeida, G. B., Silva, T. F., & Souza, L. C. (2021). *Sexualidade adolescente e prevenção da gravidez na adolescência: entre discursos e silêncios*. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, 21(3), 789–798.

Ayres, J. R. C. M. (2004). *Cuidado e reconstrução das práticas de saúde*. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, 8(14), 73–92.

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

Batista, J. S., Lopes, F. M., & Mendonça, A. C. (2022). *Apoio social e saúde mental de mães adolescentes em contextos vulneráveis*. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, 22(1), 1–10.

Butler, J. (2021). *Corpos em aliança e a política das ruas*. Civilização Brasileira.

Campos, G. W. S. (2000). *Um método para análise e co-gestão de coletivos: o dispositivo grupal e a democratização da micropolítica*. Hucitec.

Donzelot, J. (1980). *La police des familles*. Editions de Minuit.

Foucault, M. (1982). *O sujeito e o poder*. In H. L. Dreyfus & P. Rabinow (Orgs.), Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Forense Universitária.

Foucault, M. (1985). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Graal.

Foucault, M. (1988). *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (18ª ed.). Vozes.

Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso* (9ª ed.). Loyola.

FOUCAULT, M. (2006a). *A hermenêutica do sujeito: curso no Collège de France (1981-1982)*. Tradução de Vera Portocarrero Tanus. São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, M. (2006b). *Microfísica do poder* (20ª ed.). Graal.

Foucault, M. (2008). *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)* (E. M. de Oliveira, Trad.). Martins Fontes.

Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas – FVS-RCP. (2024). *Indicadores de saúde*. https://www.fvs.am.gov.br/indicadorSalaSituacao_view/28/2

Lim, W. M. (2024). *O que é pesquisa qualitativa? Uma visão geral e diretrizes*. Australasian Marketing Journal. https://doi.org/10.1177/14413582241264619

Louro, G. L. (1997). *Pedagogias da sexualidade*. Autêntica.

Lopes, V. A. S., & Sepúlveda, J. C. de A. P. (2021*). Fatores associados à gravidez na adolescência: Uma análise a partir da maternidade no norte do estado do Rio de Janeiro*. Mundo Livre:

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

Revista Multidisciplinar, 7(2), 233–253. https://periodicos.uff.br/mundolivre/article/view/48842

Orlandi, E. P. (2001). *Análise de discurso: princípios e procedimentos.* Pontes.

Peixoto, M. L. B., & Quaresma, M. E. A. (2024). *Vulnerabilidade das adolescentes durante a gravidez e seus conhecimentos.* Perspectivas Online: Biológicas e Saúde. https://www.perspectivasonline.com.br/biologicas_e_saude/article/download/2894/2597

Ribeiro, M. C. C., & Alves, R. N. (2022). Gravidez na adolescência: um olhar sob a ótica psicossocial. Research, Society and Development. https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/33281

Ribeiro, W. A., Andrade, M., & Fassarella, B. P. A. (2019). A gravidez na adolescência e os métodos contraceptivos: a gestação e o impacto do conhecimento. Nursing Edição Brasileira. https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/507

Sarmento, M. J. (2018). *Infância e cidade: restrições e possibilidades*. Educação, 41(2), 232–240. https://doi.org/10.15448/1981-2582.2018.2.31317

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License